



OS JOVENS E A LITERATURA: O QUE ESSA TRAMA REVELA?

Josiara Gurgel Tavares¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira- UNILAB

Josi_ iara@hotmail.com

Antônio Vieira da Silva Filho²
(Orientador)

RESUMO

Esse artigo pretende apresentar uma discussão teórica sobre a relação que os jovens estabelecem com a literatura fora do ambiente escolar. Acreditamos que a categoria “juventude” precisa ser mais bem compreendida socialmente – até mesmo pelos profissionais de ensino das instituições escolares que precisam se aproximar do mundo juvenil para (re)pensar práticas tantas vezes desvinculadas das demandas e interesses dos jovens alunos – e que é no domínio do lazer que novos saberes e práticas culturais são produzidas por meio da música, da dança, da pintura e de outras expressões como a literatura. Pelo caráter subjetivo das escolhas e produções literárias, consideramos que esse estudo poderá contribuir para uma maior aproximação do imaginário juvenil. Nessa discussão, destacamos a necessidade da interdisciplinaridade entre saberes do campo das humanidades para pensar esse objeto; para isso, reunimos, inicialmente, recortes de estudiosos que poderão contribuir com os mecanismos da pesquisa interdisciplinar. Analisamos estudos dos campos sociológico, literário e áreas afins sobre a leitura, como prática social; juventudes e suas relações com a literatura.
Palavras-chave: juventude; literatura; sociologia; imaginário.

1- INTRODUÇÃO

No meio acadêmico estudiosos das áreas que compõem as ciências humanas tem alimentado debates e produções voltadas para se pensar sobre as práticas juvenis e suas múltiplas expressões na contemporaneidade, onde saberes se constroem e se interligam fora das caixas.

É no domínio do lazer que novos fazeres e sociabilidades são construídas e estas, que se encontram na base das culturas juvenis, podem ser mediadas pela música, pela dança, pelo teatro, pelas artes visuais e por outras práticas culturais, como a Literatura. Dialogar com estudos que contribuam para a discussão das relações estabelecidas entre os jovens e os textos literários por eles selecionados, a partir de um olhar interdisciplinar, constitui o objeto desse trabalho, que é parte integrante de uma pesquisa de mestrado.

1-Graduada em Ciências Sociais e especialista em Filosofia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Aluna no Mestrado Interdisciplinar em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, campus Redenção - Ceará. Professora da Educação Básica vinculada à Secretaria da Educação Básica do Ceará – SEDUC.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

2-Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo,
Professor Adjunto II da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, campus Redenção - Ceará.

Segundo a Retratos da Leitura no Brasil, pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro e aplicada pelo Ibope Inteligência, em 2011, a faixa etária de 11 a 17 anos é o maior público leitor no país (IBOPE, 2011) – embora comparando a outros países, o índice seja considerado baixo – e entre esses, um contingente de quase cinco milhões afirmaram gostar de Literatura.

Estudos revelam que a relação do leitor com o texto vem se alterando significativamente ao longo do tempo. De uma leitura praticada por poucos letrados, oralizada, comunitária, coletiva, para a leitura individualizada, transformando-se numa prática subjetiva. A esse respeito, Certeau (1994) afirma:

“em seu nível mais elementar, a leitura se tornou há três séculos uma obra da vista. Ela não é mais acompanhada como antigamente, pelo ruído de uma articulação vocal, nem pelo movimento de uma mastigação muscular. Ler sem pronunciar em voz alta ou meia-voz é uma experiência “moderna”, desconhecida durante milênios” (CERTEAU, 1994 p. 247)

Essas mudanças tem registros no Ocidente e vem aliadas à invenção da imprensa e a difusão dos livros populares na Europa, porém, não eliminaram as práticas anteriores.

Na contemporaneidade, o texto vive uma pluralidade de existências, a virtual é uma delas. Roger Chartier (1998), na obra “A aventura do livro: do leitor ao navegador” , nos apresenta aspectos da história do livro e as relações dos leitores com o texto, do mundo antigo ao contemporâneo. Ao se referir ao texto virtual, afirma:

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo seqüencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são radicalmente visíveis (...) indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas de suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler (CHARTIER, 1998, 13).

Nos interessa considerar condicionamentos de apropriação do texto e singularidades marcadas no tempo. A leitura permite deslocamentos e subversões ao que o próprio livro pretende impor, porém, Chartier (1998) afirma que essa liberdade leitora não é jamais



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

absoluta. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. (CHARTIER, 1998, p.77). Assim, novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo ao códex, do livro impresso ao texto eletrônico se delineia a longa história das maneiras de ler.

A presença marcante dos jovens nas bienais do livro no Brasil, o sucesso em vendas de títulos da literatura juvenil, os encontros literários em forma de Saraus, as relações estabelecidas nas redes sociais pelo mote da leitura de textos literários, apontam para um fenômeno de ressignificação das práticas de leitura entre os jovens. Já estamos assistindo a essas transformações nas relações virtuais estabelecidas entre leitores, e autores e seus seguidores. O leitor hoje usa sua imaginação não apenas para ler, mas também para produzir textos e compartilhá-los em redes ou ambientes virtuais.

As novas experiências leitoras que vêm se desenvolvendo entre os jovens fora do âmbito escolar são confirmadas pelos dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro e aplicada pelo Ibope Inteligência, em 2011, a qual revela que a partir do ensino médio os alunos leem mais por iniciativa própria, do que por orientação da escola (IBOPE, 2011).

Outras produções são reveladoras dessas novas práticas leitoras como o artigo que analisa os fluxos conversacionais de fãs de literatura brasileira nas redes sociais publicado na revista “Observatório Itaú Cultural”. Neste, Fabio Malini (2014), afirma:

A tese de que os perfis de redes sociais não discutem literatura em tempo real é, além de uma especulação simplista, um luta vã. A rede se tornou um manancial de novos críticos, novos mediadores da literatura, por onde as obras da nova geração e dos autores “mortos” ganham vida e sobrevida. (MALINI,2014, p219)

Segundo os dados dessa pesquisa, a literatura que seduz o jovem não se reduz as grandes “ondas” ou ao sucesso das séries como *Harry Potter* ou *A culpa é das Estrelas*, clássicos da literatura brasileira são cativados e discutidos entre esses leitores.

Cada vez mais nos deparamos com práticas e estilos de vida jovens definidos por uma multiplicidade de expressões que precisam ser mais bem compreendidas socialmente, até mesmo pelos profissionais do ensino da instituição escolar que pouco reconhecem o “ser jovem” nos seus alunos. Os jovens criam e produzem suas representações a partir de signos da contemporaneidade, oriundos do seu meio social e cultural e do universo imagético que provém dos livros, do cinema, da música e de outras expressões da arte; e a literatura se



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

apresenta como componente de produção e representação de saberes e como elemento aglutinador das sociabilidades que envolvem o sensível e ao mesmo tempo trazem à tona questões sociais.

Para compreendermos melhor os jovens hoje, situamos esse estudo no diálogo interdisciplinar com as ciências e saberes do campo das humanidades, a partir da aproximação entre Sociologia e Literatura e áreas afins, sobretudo na relação que esses jovens estabelecem com a literatura, no que se refere aos elementos mobilizadores na escolha do texto e práticas literárias.

2- A INTERDISCIPLINARIDADE COMO MOVIMENTO PRODUTOR DE NOVOS SABERES.

Para erigir esse estudo, optamos pelo diálogo com autores que compreendem a construção do saber como prática pautada no pluralismo de ideias, que considera a complexidade do conhecimento num contexto multidimensional.

As discussões que defendem a necessidade da interdisciplinaridade na produção e socialização do conhecimento tornam-se cada vez mais convincentes num mundo complexo, cada vez mais interconectado e interdisciplinarizado, porém, podemos afirmar que ainda é um grande desafio romper com a disciplinarização, a fragmentação das ciências e do conhecimento. Consideramos concorrer com esse contexto desafiador, o fato da interdisciplinaridade não apresentar um objeto próprio de fácil entendimento. Em Japiassu (1976) encontramos mecanismos para produção de uma relação verdadeiramente interdisciplinar:

Podemos dizer que nos reconhecemos diante de um empreendimento interdisciplinar todas as vezes em que ele conseguir incorporar os resultados de várias especialidades, que tomar de empréstimo a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicos, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los integrarem e convergirem depois de terem sido comparados e julgados.(JAPIASSU,1976,p.75)

Edgar Morin (2005), um dos teóricos do movimento interdisciplinar, defende a necessidade de uma reforma do pensamento, que gere um pensamento complexo de uma realidade complexa. Para ele:.

O pensamento contextual busca sempre a relação de inseparabilidade e as inter-retroações entre qualquer fenômeno e seu contexto, e deste com o



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

contexto planetário. O complexo requer um pensamento que capte relações, inter-relações, implicações mútuas, fenômenos multidimensionais, realidades que são simultaneamente sólidas e conflitivas. (MORIN, 2005, p.23).

A interdisciplinaridade aqui será articuladora de uma pesquisa acadêmica que pretende romper fronteiras disciplinares e que, segundo Etges (1995), exige deslocamentos: “para se comunicar com outro cientista, o pesquisador precisa deslocar seu conjunto de proposições(...) compreender o constructo do outro e o seu próprio”.(ETGES, 1995,p.72). Consideramos que o tema estudado solicita um posicionamento dialógico no campo das humanidades, a partir de um movimento entre a Sociologia e a Literatura e suas múltiplas relações conceituais que estabelecem entre si e outras ciências.

Como a sociologia e literatura podem articular seus campos teórico para pensaaas dinâmicas sociais? Em sua obra *Literatura e Sociedade*, Antonio Candido (2006) aborda os vários ângulos de correlações entre literatura e sociologia, destacando que a integridade da obra não permite adotar visões dissociadas, e que só podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialética.

Octavio Ianni (1999) alimenta esse debate afirmando que a sociologia e a literatura nascem e desenvolvem-se desafiadas, influenciadas ou fascinadas pela questão nacional, embora em diferentes perspectivas, convergentes, divergentes ou como invenção ou fantasia. Mesmo assim a obra ressoa a nação, como esta é sentida e atravessada continuamente pelas relações sociais e pelo jogo das forças que atuam socialmente.

Para Silva (2009), o escritor e o sociólogo narram para compreender, interpretar, conhecer, mesmo que seja por diferentes modos de linguagem, são movidos pela imaginação. Movimentam figurações que nos aprimoram o olhar para tudo o que é próprio da condição humana. No caso do cientista social, mobiliza “rigor e precisão tanto quanto “paixão e inspiração” (SILVA, 2009,p.4).

Consideramos que sociologia e literatura se entretecem em seus recursos analíticos, partilham experiências, mas não escondem suas especificidades, e nesse sentido Ianni (1999) afirma que o cientista social lida com fato e evidência, diversidade e desigualdade, ruptura e transformação e sendo a realidade complexa, a reflexão é levada a selecionar para compreender, explicar ou esclarecer; o escritor, por seu lado, cria situações, incidentes, personagens, figurações e ainda que situe sua estória em algum lugar ou momento, o referencial empírico pode ser secundário.

O texto revela-se um todo em movimento. Sobre esse aspecto Ianni(1999) defende que mesmo que esteja dissociado de qualquer contexto,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

expressa ou induz algo realizado pelo autor da criação, porém, a criatura nem sempre se comporta como pretende o criador. É esse o momento em que o texto pode revelar algo de uma situação ou conjuntura.

Nesses autores, encontramos elementos que problematizam a multiplicidade de influências sociais sobre a obra de arte, e as especificidades da produção escrita pelo sociólogo e pelo escritor, porém, não nos limitamos a esta. Buscamos compreender a influência exercida pela obra de arte sobre o leitor e o seu meio, e o que move essa escolha. Recorremos a Michel de Certeau (1994) que na obra “A invenção do Cotidiano” discute importantes elementos para se pensar nas operações de leitura. É esse autor que vai requisitar o movimento interdisciplinar entre campos do saber, para além do crítico literário, sobre a atividade “leitora”. Sobre esse aspecto discorre:

Essa atividade “leitora” será reservada ao crítico literário (sempre privilegiado pelos estudos sobre leitura), isto é, novamente uma categoria de funcionários, ou pode estender a todo consumo cultural? Esta pergunta à qual a história, a sociologia ou a pedagogia escolar deveriam trazer elementos de resposta. (CERTEAU, 1994, p. 241)

Esse autor afirma ainda, que as pesquisas consagradas à leitura se referem sobretudo ao ensino da leitura, ao invés de analisarem a própria operação do ler e que “ a história das andanças do homem através de seus próprios textos ainda está em boa parte por descobrir” (CERTEAU, 1994, p. 241).

Para finalizar esse recorte teórico-metodológico, recorremos aos estudos de Michel Maffesoli sobre cultura juvenil na contemporaneidade, e a partir destes, pensarmos nos elementos mobilizadores de práticas culturais, como o ato de ler. Esse autor denomina “neotribalismo”, como as novas formas de enxergar os agrupamentos sociais, onde o individuo passa a dar lugar as representações de papéis em diferentes setores sociais, ou neotribos. A esse respeito ele afirma:

(...) o sucesso da tatuagem, do piercing, assim como aquele de Harry Potter ou do Senhor dos Aneis não deixa de invalidar o julgamento de valor e a análise moralizadora. Esses fatos constituem a nova cultura juvenil em gestação. (MAFFESOLI, 2005, P.17)

Maffesoli é um sociólogo francês reconhecido por suas análises sobre a sociedade pós-moderna. Estas contribuem na compreensão das novas formas de enxergar as relações sociais que estão ocorrendo na contemporaneidade e defende:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

(...) que a partir da concepção que determinada época faz da Alteridade é que se pode determinar a forma essencial de uma dada sociedade. Assim, ao lado da existência de uma sensação coletiva, vamos assistir ao desenvolvimento de uma lógica de rede. Quer dizer: os processos de atração e de repulsão se fará o por escolha. Assistimos à elaboração do que proponho chamar “socialidade eletiva”(…) A temática da vida quotidiana ou da socialidade (versus o político e o social), em compensação destaca que o problema essencial do dado social é o relacionismo, que pode traduzir-se de maneira trivial, pelo ombro-a-ombro dos indivíduos. (MAFFESOLI, 1998, p. 121)

Esse sociólogo acredita que estamos vivenciando uma transição de períodos, passando de um período teórico para um período tátil, onde o indivíduo importa menos que a comunidade e suas vivências no cotidiano.

A sociologia compreensiva de Michel Maffesoli contribui para pensarmos na literatura como componente de produção e representação de saberes, de práticas culturais e comportamentais.

3- RELAÇÕES JUVENTUDE E LITERATURA: O QUE REVELAM?

O envolvimento dos jovens em práticas literárias individualizadas ou coletivas em ambientes fora do contexto escolar, convoca estudiosos da educação para pensar nas novas formas de produção do saber, pois essa disposição contradiz com as posturas dos jovens alunos no espaço institucional, onde a associação do prazer à prática literária não é comumente percebida, contribuindo para cristalizar no imaginário social uma visão de que “o jovem não lê”. Essa compreensão pode se apresentar como um indício do distanciamento da escola para com seus jovens alunos.

Estudos que se debruçam sobre “juventude e escola” concluem que um dos grandes problemas que se apresentam nas escolas brasileiras hoje é a invisibilidade do “ser jovem”. Esse fato gera uma espécie de desencaixe entre as “juventudes” e a instituição escolar, perceptível na “falta de identificação dos jovens com os conteúdos e as metodologias adotados em suas disciplinas, que sempre aparentam distantes, intangíveis, irreais e não-práticos” (LIMA FILHO, 2014,p.111). É provável que o fato de se sentirem tolhidos ou pouco motivados dentro de um espaço escolar com temas e discussões desconectados de suas realidades, produza necessidades de buscarem novos saberes em outros contextos.

Em um universo onde a leitura não é uma atividade que ocupa a preferência dos brasileiros, assumindo a 7ª posição no ranking das atividades realizadas em tempo livre



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

(IBOPE, 2011), causa-nos inquietação conflitante as declarações feitas por escritores brasileiros e estrangeiros do seguimento da literatura juvenil, de que “nunca se leu tanto no Brasil” (FAILLA, 2014, p 76).

Essa revelação leva-nos a acreditar na existência de algo novo no mundo da literatura juvenil que extrapola os muros da escola, e não somente por se tratar de títulos em que os autores mantêm relações virtuais com seu público, como afirma MALINI(2014):

A palavra livro é utilizada cotidianamente nas redes sociais. Ora para demarcar um sentimento de tédio (“tenho que ler um livro, aí, que preguiça”), ora para recomendar obras literárias para amigos e seguidores. Em dois meses de coleta, identificamos todos os posts publicados no Twitter com as palavras literatura, livro e escritor. Na última, separamos quatro deles: Leminski, Clarice, Caio Fernando Abreu e Machado de Assis. Quantos tweets cada um produziu? Foram mais de 70 mil tweets que os autores obtiveram no período, com exceção de Machado de Assis, com 35 mil tweets.(MALINI, P.219)

É Certeau (1994) que alimenta o debate sobre o sistema de signos envolvidos na operação do leitor com o texto. Nesse sentido ele afirma:

Análises recentes mostram que “toda leitura modifica o seu objeto”, que (já dizia Borges) “uma literatura difere de outra menos pelo texto que pela maneira que é lida” e que enfim um sistema de signos verbais ou icônicos é uma reserva de formas que esperam do leitor e seu sentido. Se portanto, “o livro é um efeito (uma construção) do leitor” deve-se considerar a operação deste último como uma espécie de *lectio*, produção própria do “leitor”. (CERTEAU, 1994, p. 241)

A leitura possibilita uma imensidão de combinações e uma pluralidade de significações sociais e subjetivas. Perceber o caráter social do pensamento humano é também considerar o imaginário como força propulsora para criar, é também conferir sentidos ao que é vivido e ao que é desconhecido. Nas palavras de DURAND, são imagens que se apresentam imbricadas com as linhas das pulsões subjetivas e “intimações objetivas” que emanam do meio social (DURAND apud SILVA, 2005 ,p.8).

Os estudos nos impulsionam a buscar ferramentas teórico-metodológicas para compreender esse fenômeno que envolve as categorias *juventude, literatura, imaginário*, que para além da constatação, busca identificar: o que os jovens estão lendo? Quais visões de mundo são exploradas nesses textos literários? Essas literaturas dialogam com suas visões de mundo e suas realidades sociais? O que essas leituras



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

suscitam e por que suscitam? Essas são algumas das questões que motivam esse estudo que pretende mergulhar no imaginário dos jovens.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importante torna-se entender a juventude, no presente artigo, como uma categoria que ressignifica suas práticas e os espaços sociais, principalmente no domínio do lazer, nas sociabilidades construídas no diálogo com a arte literária, dessa forma, trazendo elementos para a pauta da relação entre os jovens-escola-sociedade.

Acreditamos que o diálogo entre vários campos do saber enriquece o debate e traz elementos novos sobre a visão que se tem das juventudes, a começar pela desmistificação de que os *jovens não leem*.

A perspectiva plural da sociologia compreensiva de Michel Maffesoli e seus estudos voltados fenômenos da contemporaneidade e para o campo das juventudes surgem no sentido de proporcionar análises sobre esta categoria, marcada, segundo o autor, pela importância às relações grupais, consumistas, estéticas, fluidas e táteis.

É interesse das ciências humanas captar as relações fabricadas no registro do social que afetam o pensamento, as percepções de mundo e as práticas socialmente construídas ou negociadas, e nesse estudo, sob o mote da literatura, buscamos aproximações com o vasto mundo das práticas culturais juvenis, o que está para além do caráter exploratório da leitura, afinal a leitura é sempre uma prática subjetiva, encarnada em gestos, espaços e hábitos.

5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. São Paulo: Ouro sobre azul, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. vol. 1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo. UNESP. 1998.

ETGES, Noberto J. Ciência, interdisciplinaridade e educação. In: JANTSCH, Ari Paulo, BIANCHETTI, Lucídio (orgs). **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FAILLA, Zoara. Retratos de um jovem leitor. **Revista Observatório Itaú Cultural**. São Paulo: Itaú Cultural. n. 17, p. 76-94, 2014.

IANNI, Octávio. Sociologia e Literatura. In: **Sociedade e Literatura no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

IBOPE. Pesquisa Retratos Leitura no Brasil, São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2011. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_IP_L.pdf. Acesso em 09 de junho de 2016.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro. Imago, 1976.

LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v.45, n.1, p.103-118, 2014.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010.

_____. Cultura e comunicação juvenis. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo. n. 4, p. 11-27 jul. 2005. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomidiaeconsumo/article/viewArticle/5165>. Acesso em: 05 de junho de 2016.

MALINI, Fábio. Literatura, twitter e facebook: a economia dos likes e do RTS dos usuários-fãs de literatura brasileira. **Revista Observatório Itaú Cultural**. São Paulo: Itaú Cultural. n. 17, p. 204-233, 2014.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade – os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, Cristina Maria da. As Narrativas invisíveis da cultura no romance de Rachel de Queiroz. **XII Congresso Brasileiro de Sociologia**. "SOCIOLOGIA E REALIDADE: PESQUISA SOCIAL NO SÉCULO XXI. : FAFICH/UFMG - Belo Horizonte, MG Data: 31 de maio a 03 de junho de 2005.